

MICROPOLITICA EM ARTES VISUAIS: O SILÊNCIO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

ANA CLAUDIA SAFONS SOARES¹;
CLAUDIO TAROUCO DE AZEVEDO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – acsafons@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma pesquisa que se inicia no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética. O principal objetivo é usar a arte como estratégia para acionar os sentidos perturbando e questionando o poder e a verdade através do sensível, utilizando como suporte fundamentais vetores micropolíticos e a escuta atenta junto a natureza.

Dando prosseguimento a minha formação como Arte Educadora, afloram um fazer e um pensar artístico permeado por ações micropolíticas, que possibilitam a criação de ações provocadoras de novas percepções que tornam visíveis os níveis de realidades muitas vezes inaudíveis. Vivemos num mundo soterrado por imagens, por discursos superficiais, havendo uma necessidade de compreensão do interesse além dos códigos.

Pesquisar sobre o silêncio e seus significados, como um possível mecanismo micropolítico de produção dos processos de subjetivação, através da educação em artes visuais, é o tema a ser explorado.

Através da Arte Contemporânea, observamos uma gama de produções artísticas que se utilizam do cotidiano, aquilo que de fato configura a vida. E estas produções são geradoras de uma multiplicidade de experimentações artísticas, pesquisas e propostas conceituais baseadas em questões ligadas ao contexto sociopolítico. Trabalhar com a Micropolítica através da Arte, está longe de ser um ato de “doutrinação” político partidário. São pequenas revoluções que provam que a existência é, fundamentalmente, um movimento de resistência.

Embora o silenciar seja entendido inicialmente como um “impedimento” de comunicação, percebemos que a comunicação é imprescindível no mundo em que vivemos. Mas, podemos compreender que a comunicação possa ser exercida e intensificada pelo silêncio. Nossas emoções podem ser comunicadas através dele. Logo, no silêncio podemos encontrar significações intensas de cumplicidade e compreensão.

WOLFF (2014), filósofo francês, ilustra bem várias das possibilidades do silêncio em uma passagem de seu artigo “O silêncio é ausência de quê?”

Há quem afirme que o silêncio é signo de virtude, por exemplo a virtude exigível do eterno feminino (a mulher deveria ser discreta, contida, reservada), ou ainda a virtude dos humildes ou dos habilidosos (os que sabem conter sua língua), pode-se opor que o silêncio é também sintoma de um vício de caráter (é o caladão, o taciturno, o retraído, o introvertido, o segredista, o dissimulado, o sorrateiro, o velhaco...) (WOLFF, 2014, p. 35).

Assim, nunca é apenas ausência física de som, mas também presença de sentido. Mas, com sentidos diversos e, muitas vezes devastadores: o silêncio que remete a censura (prudência, cautela, respeito); o silêncio que se faz por não ter/saber o que falar ou o que se recusa a falar; silêncio como signo de sabedoria/doenças mentais; silêncio como signo de virtude/ausência de

virtude=caráter; silêncio como signo de sensibilidade/insensibilidade; silêncio como signo de força=poder/impotência; silêncio do bloqueio e do indizível; silêncio da mudez/surdez; infinitos silêncios que se cruzam e se entrecruzam.

Esta ação surge com o objetivo de propiciar um debate sobre os discursos e/ou sobre o silenciamento destes discursos, questionando como a produção artística pode ajudar na tomada de consciência sobre o que se passa a nossa volta e como ativar essa percepção nos locais de ensino. Tendo como objetivos específicos explorar o que vem a ser o “silêncio”, sob a perspectiva dos campos da arte e da filosofia; mapear processos artísticos relacionados ao tema de pesquisa; desenvolver dispositivos ecosóficos, utilizando a micropolítica através da Arte; contribuir com estudos que abordem o tema na área das Artes Visuais.

Esta pesquisa justifica-se por buscar, através de uma análise mais sensível - como atitude de resistência, uma percepção desses silenciamentos. Como forma de instaurar reflexões sobre o que nos cerca, procurando ir além do senso comum. Investigar os modos de fazer e pensar na arte, desenvolvendo trabalhos com uma poética que se relaciona à construção de uma presença sensível, que está interligada diretamente com mecanismos micropolíticos que podem impulsionar o sujeito a uma reflexão sobre nossos modos de vida e o planeta.

Para fundamentar esta pesquisa destaco alguns autores como GUATTARI (2012) para tratar sobre os conceitos de micropolítica. Nas artes, esta é uma expressão/ação de resistência que utiliza a linguagem estética para atingir o sensível no campo dos fazeres. Assim, a Micropolítica pode funcionar como disparador de debate sobre conteúdos ideológicos no campo artístico e midiático.

Mas, segundo RANCIÈRE (2010), não como um fazer artístico que pretenda mudar o mundo, que se pretende vanguardista, e sim uma arte.

Ela é política (a arte) enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. (RANCIÈRE, 2010, p 46).

CERTEAU (2019), surge na pesquisa para tratar sobre os processos de subjetivação, que são sentidos nas práticas cotidianas, como na análise do silêncio e suas diferentes formas. Na análise do cotidiano é quando se percebe que a “arte do fazer” possa ser o lugar de liberdade e de criatividade, elementos fundamentais para falar sobre os processos de subjetivação. Segundo ele, a compreensão das artes nos fazeres cotidianos se dá pelo olhar sensível, mais do que os modelos de análise de pensamento. Suas análises procuram mostrar atos humanos considerados inteligíveis em cenários aparentemente repetitivos e sem importância. Discorrendo, também, sobre o “grande silêncio das coisas”, ele

[...] muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real tagarela. [...] Os combatentes não carregam mais as armas de ideias ofensivas ou defensivas. Avançam camuflados em fatos, em dados e acontecimentos. Apresentam-se como mensageiros de um “real”. Sua atitude assume a cor do terreno econômico e social. Quando avançam, o próprio terreno parece que também avança. Mas, de fato, eles o fabricam, simulam-no, usam-no como máscara, atribuem a si o crédito dele, criam assim a cena de sua lei. (CERTEAU, 2019, p. 259/260).

Para ele, é a relação social que determina o indivíduo e não o inverso, por isso, só se pode apreendê-lo a partir de suas práticas sociais. Práticas sociais estas que, em tempos de hiperconectividade, são rapidamente alteradas. A comunicação se dá cada vez mais imagética, para que seja possível a

assimilação do máximo de conteúdo no menor espaço de tempo, tornando-se um dos principais agentes de transformação na sociedade.

Essa velocidade estonteante da comunicação através das mídias, leva à privação de momentos de silêncio, promovendo novas formas de pensar, existir e conviver, criando um impacto determinante na subjetividade. Atribuindo ao silêncio um significado negativo e algo a ser evitado.

SCHAEFER (2011) tratará sobre a ideia de uma clariaudiência – a necessidade de apurar nossa sensibilidade auditiva para que possamos perceber os sons que foram se perdendo por conta da vida contemporânea, ou sendo por ela “inaudibilizados”

Dizendo em seu livro que “o silêncio é o resultado da rejeição da personalidade humana”. Falando, ainda, que há um temor à ausência do som, do mesmo modo do temor a ausência de vida. Na importância de percebermos os infinitos silêncios, cuja prática estabelece um importante aprendizado que nos leva a uma maior sintonia com o mundo e com a natureza. Embora o silenciar seja tudo isso - um “impedimento” de comunicação, percebemos que a comunicação é imprescindível no mundo em que vivemos. Mas, compreendemos que a comunicação pode ser exercida e intensificada pelo silêncio. Nossas emoções podem ser comunicadas através dele. Logo, no silêncio, encontramos significações intensas de cumplicidade e compreensão.

Para pensar os modos de operar o silêncio trago Orlandi (2008), segundo a autora:

1. há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido (...).
2. o estudo do silenciamento (que já não é silêncio, mas pôr em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito. (2008, p. 11-12).

2. METODOLOGIA

Por compreender que as fronteiras desse silenciamento estão em constante movimento, a metodologia de trabalho a ser utilizada será o método cartográfico por entender ser o mais adequado ao tipo de investigação. Enquanto o método científico tradicional pressupõe um destino (objetivo) e um caminho dado (metodologia), a cartografia propõe construir uma narrativa que só se conhecerá ao percorrer um caminho ainda desconhecido.

Nesse sentido, usando as palavras de ROLNIK (2007), do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para “dar língua aos afetos que pedem passagem”. (ROLNIK, 2007, p. 23).

Através do mapeamento de algumas produções artísticas contemporâneas que tratem sobre o silêncio, com o apoio em referenciais teóricos, somados a produções artísticas – incluindo a minha –, nas inserções sociais e nos processos educativos realizados através de oficinas práticas junto ao Grupo de Pesquisa Arte, Ecologia e Saúde – GPAES/CNPq, teremos dados para análise da presente pesquisa.

Nas práticas a serem planejadas e executadas, procurarei desenvolver alguns dispositivos ecosóficos de produção e/ou de compartilhamento, discutindo os resultados das oficinas a serem propostas, analisando seus impactos através do registro a ser realizado por meio de diários de bordo individuais e/ou coletivos, verificando o potencial das Artes Visuais nos processos de subjetivação dos sujeitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os infinitos significados dos silêncios presentes na sociedade, surgem reflexões diante do que se entende por silêncio, exigindo que

nossa percepção seja mais atenta a fim de que haja uma maior acuidade na observação de suas nuances.

Ficando a reflexão: o que nos leva a essa construção social do silêncio? O que significa o silêncio? Como compreendê-lo? Como a arte pode contribuir para essa compreensão?

Se faz necessário retirar o silêncio como sendo ausência da fala, para que então, possamos compreender melhor os sinais do mundo e, assim, através do potencial do ensino da Arte, chegarmos mais perto de nos tornarmos sujeitos menos embrutecidos.

4. CONCLUSÕES

Vivemos um momento de fortes rupturas. Em tempos de tantas situações anômalas e tensas, temos que encontrar caminhos em busca de soluções. Penso no papel de Arte Educadora como o despertar da consciência crítica em torno destes problemas, e, dessa forma, trazer essas discussões para o universo educacional.

Através destes rápidos recortes de minha experiência universitária, posso afirmar o quanto meu reingresso na vida acadêmica, agora através da Arte, proporcionaram a possibilidade de me reinventar, tornando-me uma pessoa muito mais sensível ao mundo que me cerca. Fazendo com que meu olhar fosse reeducado, minha sensibilidade aguçada, aumentando o desejo de ser uma Arte Educadora, agora, sedenta de novos conhecimentos, com um fôlego cada vez maior para o desenvolvimento no campo da pesquisa em Arte.

Desta forma, sempre procurando aumentar meu repertório no âmbito da arte contemporânea, procuro no mestrado a oportunidade de imergir no campo da pesquisa em uma busca de compreensão de meus próprios questionamentos para a qualificação do ensino da arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tomo 1, Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely... **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RANCIERE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2012.

_____. **O Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**: Authentica Editora, 2015.

SHAFER, R. Murray. **A afinação do Mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **O ouvido Pensante**. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

WOLFF, Francis. **“O silêncio é ausência de quê?”** In: NOVAES, Adauto (Org.) **Mutações: O silêncio e a prosa do mundo**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. p.31-51